

Virtuosidades

No que toca ao piano, Lisboa — quero dizer, a Gulbenkian Música — pode ombrear com os maiores centros mundiais. Ano após ano, passam pelos Ciclos de Piano e Grandes Intérpretes os grandes génios do teclado. Assim continua a tradição do Círculo de Cultura Musical, da Sociedade de Concertos e outras que em meados do século passado traziam regularmente a Lisboa pianistas da estirpe de Wilhelm Backhaus, Arthur Rubinstein, Wilhelm Kempff, Arturo Benedetti Michelangeli, Rudolf Serkin, etc. Agora, no espaço de dez dias, podemos aplaudir entusiasticamente Arcadi Volodos e Evgeny Kissin, dois pianistas da mesma geração (Volodos é quatro meses mais novo que Kissin). Tão bons e tão diferentes! O primeiro, descontraído e generoso, exsudando bonomia; o segundo, austero e distante. Kissin foi um menino-prodígio (estudou-se em público aos dez anos de idade); Volodos quis ser cantor, depois maestro, antes de se dedicar ao piano. Irmana-os, porém, uma virtuosidade técnica fabulosa.

Volodos apresentou o mesmo programa que na Casa da Música em fevereiro passado: uma I parte salónica — os “Papillons” (Schumann) e as oito “Klavierstücke, op. 76” de Brahms — e uma II parte dedicada à grande “Sonata em lá maior, D. 959”, de Schubert. Em evidência, a elegância e a beleza tonal do seu pianismo. Apreciei também a maneira como contrastou (no Brahms) as tonalidades menores dos *capricci* com as maiores dos *intermezzi* seguintes, etc., mas já antevia a grandeza impressionante que emprestou à sonata de Schubert — esse caleidoscópio de inovações e emoções, contemporâneo da “Winterreise” (1828), mas publicado postumamente. Depois de um ano sabático, Kissin anunciou a sua nova fase beethoveniana com o recente disco duplo que marcou o regresso à Deutsche Grammophon. Depois de Verbier, está a correr a Europa com a portentosa “Hammerklavier” (a que apensa uma seleção de doze “Prelúdios” de Rachmaninov). Lembrei-me de Emil Gilels. Pelo 3º andamento passam todos os sentimentos possíveis e imagináveis. Após um intervalo de recuperação emocional, rendi-me à estrutura construída por Kissin com a sua escolha de Prelúdios, arrojadamente fundada no mais popular de todos — o de dó suspenso menor, op. 2, nº 3. Volodos presenteou-nos com uma mancha de extras, prontamente anunciados: Schubert, Brahms, Albéniz, e transcrições pessoais de Lecuona e Rachmaninov. Kissin tocou dois (um ‘Etude’ de Scriabine e uma ‘Bagatelle’ de Beethoven). Entrou mudo e saiu calado (mas desta vez esboçou um sorriso). / JORGE CALADO



ARCADI VOLODOS

Gulbenkian, Lisboa, 22 de outubro



EVGENY KISSIN

Gulbenkian, Lisboa, 31 de outubro